Enquadramentos: diferentes perspectivas como potencial para o estudo da página "Eu, empregada doméstica"[1]

Enise de Castro SILVA[2]
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

No contexto de utilização do Facebook como meio para denunciar situações de abuso vividas por mulheres ou outras minorias, a página "Eu, empregada doméstica" surgiu e cresceu rapidamente. Vislumbrando um potencial de reconfiguração de experiências de sofrimento através de relatos de vida, o objetivo desse trabalho é discutir o potencial do conceito de enquadramento, trabalhado por diferentes autores, para um estudo da página. Para isso, conta com uma apresentação das perspectivas e uma pequena operacionalização para análise de duas postagens diferentes.

Palavras-chave: empregadas domésticas; Facebook; enquadramento.

Introdução

Eu, empregada doméstica é uma página no Facebook que surgiu a partir da popularização do relato feito por Joyce Fernandes, Preta Rara, em sua própria página. A ex-empregada doméstica, que hoje é rapper e historiadora, expôs uma situação que viveu em seu antigo emprego e utilizou uma hashtag (#EuEmpregadaDoméstica) ao fim de seu relato para que outras mulheres também se sentissem motivadas a fazê-lo.

Além de diversos comentários, Joyce conta que começou a receber outros relatos via mensagem de outras mulheres que também viveram ou presenciaram situações de abuso em seus empregos como domésticas. Assim, ela decide reuni-los na página que nomeia de *Eu, empregada doméstica*, como na hashtag que utilizou e passa a publicar os relatos, em sua maioria, de forma anônima, a fim de proteger as outras mulheres.

Essa página é de interesse de um contexto de pesquisa mais amplo dentro do meu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Nesse trabalho, meu

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, email: enise.c.s@gmail.com.

objetivo é mostrar como o conceito de enquadramento, em diferentes perspectivas, pode representar uma chave de análise rica para o estudo das interações proporcionadas pela página e a compreensão dos sujeitos nelas implicados.

A primeira parte do artigo consiste em uma apresentação das abordagens de enquadramento desde a proposição por Gregory Bateson, passando por Goffman e chegando até Butler. Depois, apresento dois exemplos de como penso que o enquadramento pode ser usado para estudar a página. Em seguida, faço minhas considerações sobre o que foi apresentado anteriormente.

O conceito de enquadramento

O conceito de enquadramento foi, primeiramente, proposto por Gregory Bateson na tentativa de compreender as relações de tratamento de patologias mentais através da comunicação (MENDONÇA; SIMÕES; 2012). Sua compreensão do fenômeno comunicativo enquanto interação e da importância do engajamento dos participantes é fundamental para o pensamento que vai desenvolver.

A partir da observação de animais em situações de brincadeira, o autor apresenta os diferentes níveis da comunicação verbal humana. Cada um aponta para uma especificidade do enunciado de alguma forma: o denotativo diz propriamente do conteúdo daquela mensagem; o metalinguístico diz respeito à linguagem e como ela é ressignificada no enunciado; o metacomunicativo diz respeito à relação entre os sujeitos em interação. “Nessas metacomunicações, o assunto do discurso é a relação entre os falantes.” (BATESON, 2002, p. 87) É partindo desse último nível que o autor vai desenvolver a ideia de enquadre.

Segundo Bateson (2002), são as mensagens metacomunicativas que permitem que os indivíduos implicados naquela interação – e até observadores de fora – compreendam sua natureza. Assistindo macacos brincando de brigar em um zoológico, ele discute como era possível para ele perceber que eles não estavam engajados em um combate, assim como eles também compreendiam.Segundo ele, “esse fenômeno, o da brincadeira, só poderia ocorrer se os organismos participantes fossem capazes de algum grau de metacomunicação, isto é, de trocarem sinais que levassem a mensagem ‘Isso é brincadeira’.” (BATESON, 2002, p. 89) Sendo assim, a mensagem metacomunicativa é um enquadre, ou seja, ela ajuda a definir qual o caráter da interação para os participantes dela.

Mendonça e Simões (2012) lembram que os enquadres não são inventados por quem interage, mas são acionados por eles tendo em vista uma gama de sentidos partilhados intersubjetivamente, que apontam para uma ideia de cultura que não é trabalhada pelo autor nessa obra. E, segundo eles, é a partir do pensamento que é construído por Bateson que Erving Goffman vai trabalhar o conceito de enquadramento que acabou se popularizando mais sob seu nome.

Os autores afirmam que Goffman não tem o objetivo de "investigar grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo," (MENDONÇA; SIMÕES, 2012. p. 189) Assim, enquadramentos permitem que os sujeitos respondam à questão "O que está acontecendo aqui?" nas situações de seu dia-a-dia.

França, Silva e Vaz (2014) vão definir "quadros de sentido" ou "quadros da experiência" a partir de Goffman como "matrizes interpretativas às quais os indivíduos recorrem cotidianamente para entender e se posicionar em diferentes situações." (FRANÇA; SILVA; VAZ. 2014, p. 83) O enquadramento é o acionamento desses quadros que vai orientar tanto a compreensão, quanto a própria ação dos sujeitos naquele contexto, sendo um fator de influência fundamental no modo como eles experienciam o mundo.

É claro que, como apontado por Mendonça e Simões (2012), Goffman não assume que as situações podem ser definidas por apenas um enquadramento. Geralmente vários quadros se sobrepõem. No entanto, existem, no acervo cultural, alguns que são básicos e possibilitam toda a formação de uma coletividade por permitirem aos sujeitos identificarem um número quase infinito de situações e acontecimentos.

Utilizando-se de metáforas teatrais, Goffman (2002) ainda discute os papéis sociais que adotamos nas situações como parte da dinâmica de interpretação delas. Ao comparar a vida social com a atuação cênica, ele demonstra a preocupação com o modo como os indivíduos procuram expressar o melhor de si nas interações, tendo em vista o olhar do interlocutor. Além disso, o papel que cada um vai desempenhar em determinada situação está diretamente relacionado com a produção do enquadramento ali proposto e com a previsão de regras e expectativas socialmente dadas para aquela interação.

É importante lembrar que todo esse pensamento é construído tendo em vista as interações face a face. No entanto, a partir dele, se desdobraram perspectivas de análise que vão além desse tipo de interação. Mendonça e Simões (2012) mapeiam o uso do conceito de enquadramento operacionalizado em pesquisas empíricas e apresentam três tipos de uso feito pelos pesquisadores: o uso para analisar interações sociais e o modo como significamos o mundo a partir do trânsito por diferentes quadros de sentido; a análise dos discursos midiáticos e da forma como eles enquadram a realidade, além dos estudos do uso estratégico dos enquadramentos para a produção de determinados efeitos no público.

De acordo com o que foi colocado por esses autores, reconheço a riqueza da primeira abordagem e compartilho da preocupação que eles e também França, Silva e Vaz (2014) possuem em relação a uma falta de problematização das questões de poder envolvidas na constituição dos enquadramentos:

> Frequentemente, os frames são pensados como esquemas interpretativos no interior dos quais os atores circulam, construindo e alterando sentidos. Reconhece-se a força da cultura, mas, em alguns casos, não se problematiza o modo como diferentes atores tentam impor determinados enquadramentos e as dificuldades vivenciadas por atores fracos em suas tentativas de alterar as 'chaves interpretativas'. (MENDONÇA, SIMÕES, 2012, p. 196)

Tendo em vista os sujeitos que tomam parte nas interações na página *Eu, empregada doméstica* e todo o contexto que os envolve, é fundamental que consigamos refletir sobre os constrangimentos que afetam a participação deles em interações em sociedade.

Nesse sentido, o conceito de enquadramento desenvolvido por Judith Butler (2016) em Quadros de Guerra é uma leitura interessante para desenvolver essa problematização. A autora parte da análise de situações de guerra contemporâneas para desenvolver um pensamento que questiona quais vidas são merecedoras de luto ou não.

Enquadramento, em Butler, está relacionado com a forma pela qual somos capazes de apreender a vida dos outros como valiosa, "passível de luto", ou não. A autora fala sobre "enquadramentos epistemológicos", que entendo aqui, a partir da leitura, como modos de apreender, conhecer e reconhecer as vidas que nos cercam e, consequentemente, interações, situações e acontecimentos.

Segundo ela, os quadros através dos quais somos capazes de perceber e atribuir valor a vida alheia são operações políticas, "operações de poder" que "Não decidem unilateralmente as condições de aparição [dos sujeitos], mas seu objetivo é, não

obstante, delimitar a esfera da aparição enquanto tal." (BUTLER, 2016, p. 14) Sendo assim, os enquadramentos limitam a forma como certos sujeitos aparecerão mediante outros e, desse modo, imprimem neles condições que os tornam menos ou mais passíveis de serem reconhecidos na sua condição humana.

É importante salientar que a autora estabelece uma distinção entre "apreender uma vida" e "reconhecer uma vida":

> "Reconhecimento" é o termo mais forte, derivado dos textos hegelianos e sujeito a revisões e a críticas durante muitos anos. "Apreensão" é menos preciso, já que pode implicar marcar, registrar ou reconhecer sem pleno conhecimento. (BUTLER, 2016, p. 18)

Segundo ela, as "condições de ser reconhecido" precedem o próprio ato de reconhecer o sujeito e estão ligadas à forma como, em determinados enquadramentos, compreendem-se e valorizam-se determinadas vidas.

Meu objetivo quando mobilizo essas diferentes perspectivas de enquadramento é dizer que o conceito pode ser potente em um estudo da página *Eu, empregada doméstica* de duas formas, tendo em vista o modo como os relatos de experiência contidos na página questionam enquadramentos previamente dados e possibilitam que mulheres criem novas experiências a partir de um movimento de reenquadrar as relações que marcam sua história de trabalho como domésticas.

Além disso, levando em conta principalmente o que é colocado por Butler, acredito que é possível pensar sobre a forma como a vida de empregadas domésticas (mulheres, pobres e, muito frequentemente, negras) e suas experiências são enquadradas socialmente como inferiores a outras tantas. Essa hierarquização faria com que elas passassem a ser vulneráveis ao abuso e a exploração, sem que isso seja questionado ou desnaturalizado.

Possíveis usos do conceito para o estudo da página

Em primeiro lugar, tendo em vista a perspectiva que parte de Goffman, que pensa os enquadramentos como esquemas interpretativos, é possível pensar que a página oferece um modo de compreender as situações que acontecem com as mulheres no seu dia-a-dia de trabalho. Isso porque, ao publicar seu primeiro relato, Preta Rara inaugura um espaço onde o modo de apreender as situações vividas no cotidiano como empregada doméstica são de abuso, preconceito e uma série de outras situações.

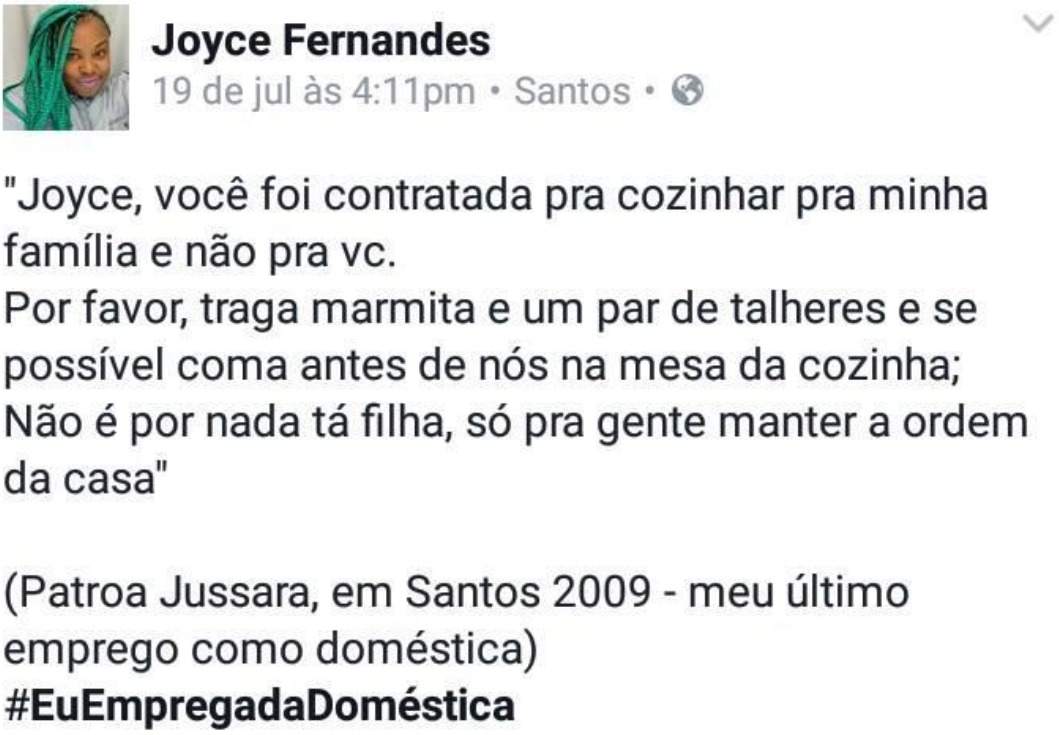

Figura 1 - Postagem de Joyce Fernandes que seu início à página Eu empregada doméstica. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=1697347352> Acesso em: 08 de abril de 2017.

É possível dizer que, do ponto de vista do conteúdo, o relato de Joyce poderia não estar fazendo uma denúncia. Em nenhum momento dessa postagem, ela usa palavras de acusação, por exemplo. No entanto, certas palavras (como patroa e empregada) e a utilização da hashtag #EuEmpregadaDoméstica marcam determinadas posições que funcionam aqui como mensagem metacomunicativa. Os papéis sociais de patroa e empregada estão bem definidos, assim como o tipo de relação que se estabelece entre elas.

Uma prova disso é o próprio fato de seu primeiro relato "viralizar" e fazer com que outras mulheres retomassem episódios vividos em seu cotidiano de trabalho ressignificando-os e narrando-os para a própria Joyce via mensagens. Isso mostra que entre esse grupo de mulheres existe um horizonte de sentidos partilhados acerca das situações que vivem em seu cotidiano e que, ao relatar o que ouviu de sua patroa em determinada situação e marcar os papéis que ocupavam no momento, esses sentidos acionam um enquadramento capaz de entender aquela situação como abusiva.

Agora, usar o enquadramento de uma situação de abuso e, através dele, reunir relatos de outras empregadas e pessoas que vivenciam ou presenciam situações semelhantes evoca uma segunda perspectiva de enquadramento que ajuda a enriquecer a compreensão desse objeto e das interações que ele proporciona e evidencia.

Essa segunda dimensão vai ao encontro do que é colocado por Butler (2016) e aponta para o modo como a vida dessas mulheres é apreendida, sobre as condições de reconhecimento às quais elas estão sujeitas na nossa sociedade. Essas condições não se iniciam e não se restringem somente a forma como o trabalho delas é compreendido, valorizado ou remunerado, mas a própria forma de compreendê-las enquanto seres humanos. Nesse sentido, o enquadramento é útil para refletir sobre a vivência dessas mulheres e a forma de apreendê-las que é atravessada por uma série de questões que as coloca numa posição de vulnerabilidade, como gênero, raça e classe social.

Para ilustrar como essa perspectiva de enquadramento, juntamente com a anterior, podem ajudar numa reflexão sobre esse objeto, gostaria de trazer mais um exemplo de postagem da página.

Um dos modelos de postagem que Preta Rara faz, atualmente, são denúncias de anúncios abusivos para a contratação de domésticas. Esse episódio é especificamente interessante, pois, em seus comentários, surgiu uma discussão da qual podemos apreender diferentes perspectivas e atravessamentos se pensamos em enquadramentos.

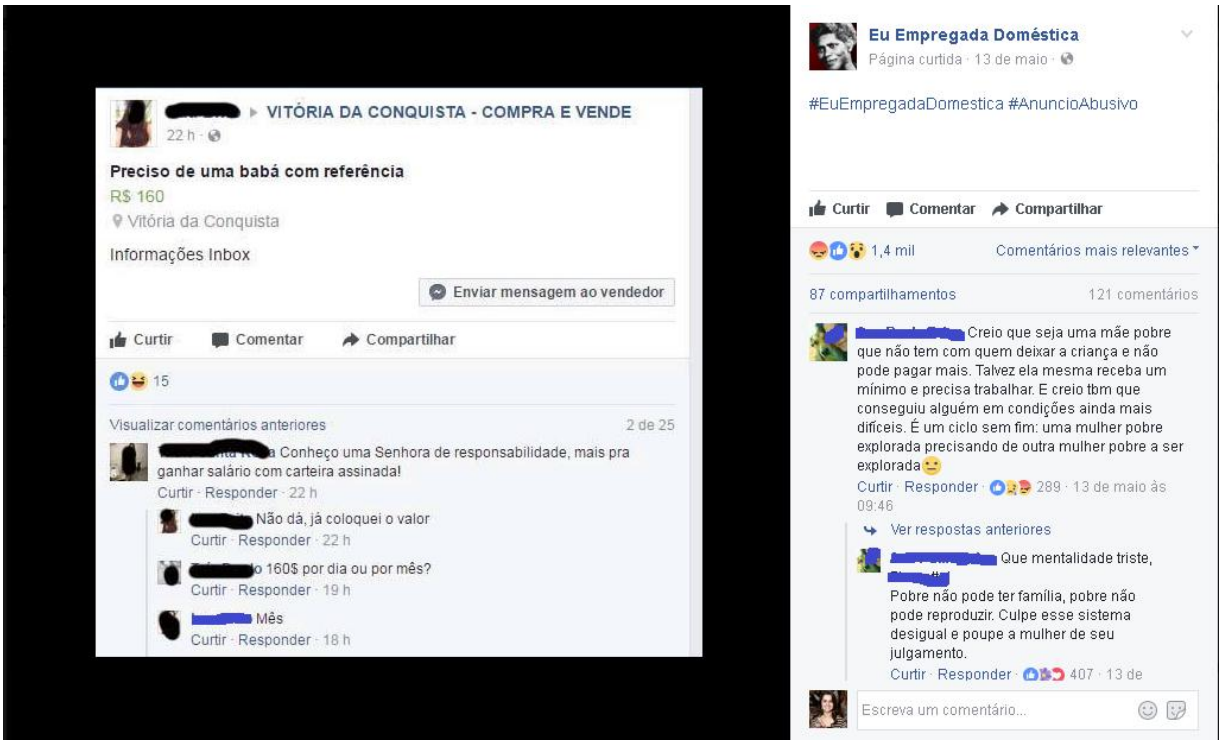

Figura 2 - Print da postagem na página "Eu, empregada doméstica". Postagem original disponível em: <https://www.facebook.com/euempregadadomestica/photos/a.1099847636728644.1073741828.1099839983396076/1367660063280732/?type=3> Acesso em: 17 de junho de 2017.

É possível pensar que a página propõe um modo de compreender diferentemente os anúncios de emprego para domésticas: ao usar a hashtag #AnúncioAbusivo, Preta

Rara diz a seus seguidores e a quem mais acessar a página que, aquela situação ali não é "apenas" um anúncio de emprego.

Nesse sentido, é possível dizer que o que a página está fazendo é propor um novo enquadramento para aquela situação. Entretanto, dizer apenas que a página está falando sobre um anúncio específico é deixar de levar em conta o contexto que a cerca.

O que quero dizer com isso é que, por mais que o ato isolado possa ser interpretado como apenas a reconfiguração de um anúncio em uma denúncia de abuso, tendo em vista o contexto da página, seu histórico e as ações de sua criadora, ele convoca outros sentidos acerca dele. E, na minha opinião, esses sentidos são corroborados pelo principal comentário e pela discussão gerada por ele na postagem:

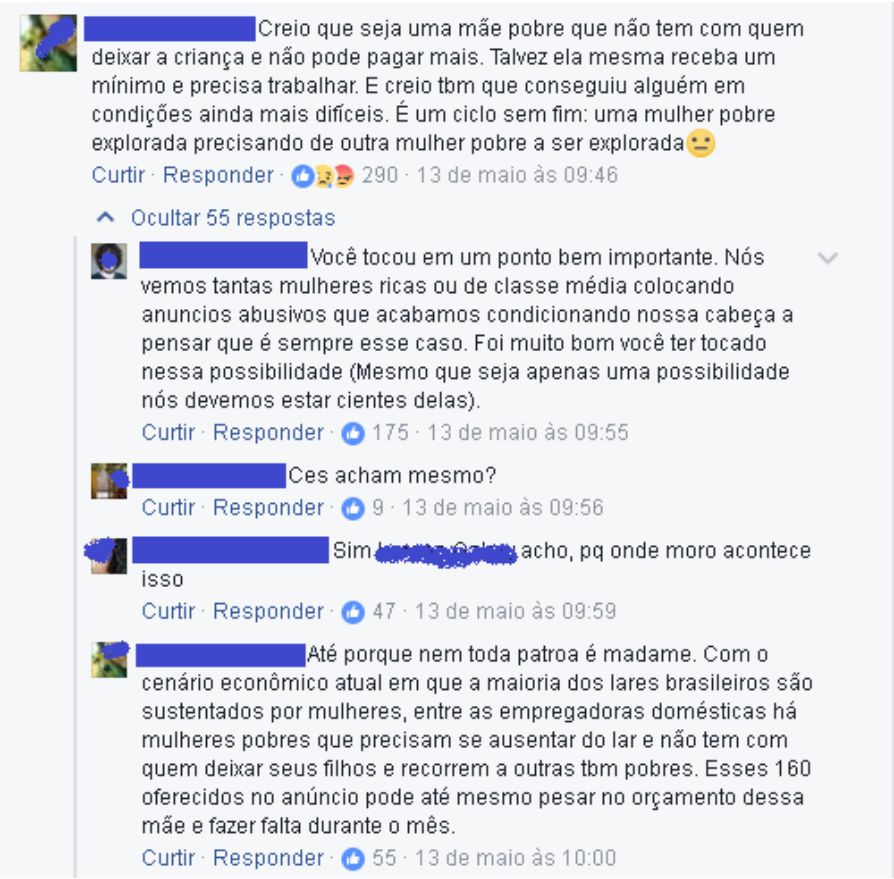

Figura 3 - Print do principal comentário da postagem anterior. Disponível em: <https://www.facebook.com/euempregadadomestica/photos/a.1099847636728644.1073741828.1099839983396076/1367660063280732/?type=3> Acesso em: 17 de junho de 2017.

Isso porque, ele evidencia – por mais que isso não seja problematizado pela autora do comentário – que ao propor o olhar sobre aquele anúncio como uma forma de abuso, Preta Rara também está dizendo sobre todo um modo de apreender a vida das empregadas domésticas e também das patroas. Sua interlocutora vem explicar um possível contexto que o anúncio deixaria de fora: uma mulher que sustenta sua filha sem

ajuda de ninguém, não seria capaz de pagar uma quantia equivalente à proposta por lei para que outra pessoa cuidasse de sua criança.

Nesse sentido, estamos diante de uma situação em que a exploração de uma mulher é justificada através da exploração de outra mulher. Uma situação em que, me arrisco a dizer, uma vida pode ser facilmente colocada em um lugar hierarquicamente superior a outra. Preta Rara, a mulher negra que denuncia o abuso na vaga de emprego, teria sua exploração justificada pelo pouco salário que recebe uma mulher – que como a que comenta, poderia ser branca – que sustenta sozinha a filha. É como se, a vida e o abuso que sofre a mulher negra fossem "menores" porque a mulher branca também é explorada e, além disso, é mãe.

Sem falar que essa mesma situação é evidência de que, enquanto essas mulheres exploram uma a outra e se justificam através da maternidade (que poderia ser outro motivo), esse quadro não comporta homens, o que nos leva a outro nível na hierarquia de experiência desses corpos. Quando o assunto é trabalho doméstico, sua exploração e a relação com a maternidade, a vida do homem está um nível de hierarquia outro que, para os participantes mostrados nesses prints, não cabe discutir seu papel.

São marcas de gênero, raça e classe social que são evidenciadas e que dizem dos esquemas majoritariamente utilizados para apreender essas vidas em nossa sociedade. A vida do homem não vem ao caso, pois o assunto ali tratado é do âmbito do privado, das relações domésticas e da maternidade, esfera da qual eles não são participantes comuns. E, apesar de ser necessária maior e melhor investigação, aparentemente a vida da mulher branca, mãe e que ganha mal é colocada em um nível superior pelo atravessamento da raça e da maternidade. Consequentemente, a vida da mulher negra é a que é colocada em menor nível: seu tempo e seu trabalho valem menos e isso é justificado, nos comenários, pela maternidade e exploração que sofre a mulher branca.

Em um nível de operação de enquadramento, a página denuncia justamente a forma como a vida da mulher negra ou da mulher pobre e empregada doméstica é apreendida como menos valiosa em relação às demais mulheres. No entanto, o comentário da mulher branca que tenta justificar aquele modo de apreender uma vida como menos valiosa através de um ciclo de desvalorização, é uma operação capaz de evidenciar o modo como a vida das mulheres, de forma mais geral, é apreendida.

É claro que a discussão não se encerra nisso, mas a tentativa foi demonstrar como o conceito de enquadramento pode oferecer uma chave de análise rica para estudar a página *Eu, empregada doméstica*.

Considerações finais

A partir do que foi colocado, pretendi mostrar que as diferentes abordagens da noção de enquadramento podem oferecer um horizonte rico no estudo da página *Eu, empregada doméstica*. Partindo da ideia que a página propõe um esquema interpretativo que reconfigura diversas situações vividas por trabalhadoras domésticas como abuso, preconceito e outras formas de injustiça e desvalorização, busquei mostrar que esse ato estaria ligado não só a um olhar depreciativo sobre o trabalho, mas sobre as próprias vidas que se dedicam a ele.

A apreensão histórica dessas vidas no Brasil é construída de tal forma que suas experiências acabam desaparecendo na operação de determinados tipos de enquadramento. Alguns quadros seriam capazes de operar de tal maneira que fazem essas experiências desaparecer até em situações que poderiam dar a ver os problemas existentes nas relações de trabalho, gênero, raça e classe social que atravessam a vida de empregadas domésticas brasileiras.

É isso que acontece quando a mulher branca problematiza a denúncia de anúncio abusivo na página. É claro que a situação exposta por ela é de extrema importância e seu argumento serve para que pensemos no enquadramento que coloca a vida das mulheres em uma posição inferior em relação aos homens. No entanto, a mobilização em torno de seu argumento pode funcionar como uma operação que invisibiliza o enquadramento que coloca a vida da mulher negra, empregada doméstica, como inferior à dela.

Sendo assim, essas pequenas experimentações com o conceito revelam que ele pode ser frutífero para suscitar questões acerca dessas interações, desses sujeitos e de seus papéis na vida social e também na esfera do trabalho, possibilitando, inclusive, mostrar uma relação existente entre a apreensão de vidas e a sua valorização enquanto mão-de-obra.

Referências

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B., GARCEZ,P. (org.). *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-105.

BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 13-43

FRANÇA, V.; SILVA, T.; VAZ, G. Enquadramento. In: FRANÇA, V.; MARTINS, B. ; MENDES, A (orgs) *Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade (GRIS):* Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2014. p. 82 – 85

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 187-201, 2012.